

CONTO

Em busca da linguagem de uma vida impronunciável

Liz de Oliveira

Universidade Federal de Santa Catarina (UFSC)

lizideoliveiracoelho@gmail.com

Hoje é um daqueles dias em que meu corpo inteiro dói e posso sentir o peso dos meus ossos. Só me resta escrever. Ao menos consigo fazer isso sentada na minha própria casa, única herança familiar. As paredes desbotadas e as rachaduras me fazem perceber que assim como eu, ela possui as marcas de outro tempo. Quando estou sozinha dentro dela meu corpo se dissolve neste espaço quase vazio e silencioso. Eu encolho. Fico miúda, menor do que já sou. A casa agora sou eu e eu sou a casa. Ambas somos uma coisa só. Esquecidas, esmaecidas e marcadas por um passado distante. A verdade é que ninguém liga para os pensamentos e sentimentos de uma mulher da minha idade, tampouco para o estado de conservação de uma casa velha. Às vezes, sinto que pouco importa se estou deitada na minha cama ou sentada na sala vazia, desde que eu não crie nenhum problema. Talvez sempre tenha sido assim. Mas ler os meus livros e escrever sobre eles sempre foi o que me manteve lúcida. Escrevo como quem adia a própria morte com aparente resignação. Escrevo como quem grita comunicando que ainda está neste mundo observando tudo. Escrevo porque meu corpo cansado exige algum conforto num lugar mais bonito e divertido: a imaginação.

Quando menina eu mentia, mentia com tanto prazer e verdade, que só deixei de mentir quando levei uma surra de rebenque da minha mãe. Não eram mentiras maldosas ou que pudessem prejudicar alguém, eu acho. Eram mentiras bobas e gostosas de contar. Eu criava histórias na minha cabeça sobre pessoas imaginárias, que pareciam mais gentis que aquelas de uma infância negligenciada. Dentro destas histórias, que os adultos chamavam de mentiras, eu era livre como o vento. Eu podia amar de verdade e também sentir o amor daquelas pessoas inventadas. Eu era muito maior do que eu sou na realidade. Mentir sempre foi uma das minhas melhores habilidades. Mas depois daquela surra precisei encontrar outro artifício, escrever aquelas histórias em cadernos velhos. Foi o que aconselhou a professora de espanhol no quinto ano, ao ver as marcas do rebenque no meu braço. Eu tinha onze anos, quando contei que apanhei só pelo prazer que sentia em inventar histórias. Então a professora disse: *Escribe tus historias en cuadernos viejos. Así no serán consideradas mentiras, sino ficción. Nunca más te golpearán!*

Naquele dia eu entendi que, talvez, aquelas mentiras pudessem ser transformadas em algo maior. É possível que naquelas aulas de espanhol, onde éramos incentivados a ler e escrever histórias eu tivesse descoberto algum talento para a ficção. Desde então, continuei escrevendo em cadernos, agendas, blocos de notas, computadores, celulares e até nas paredes do meu quarto. A necessidade de registrar o tempo era uma forma de não deixar a vida escapar. Eu escrevia todas as vezes que o mundo parecia um lugar impossível de estar. Eu escrevia sempre que sentia algo me sufocando. Eu escrevia quando não me compreendia. Eu escrevia... Agora, mais uma vez, sentada na minha poltrona surrada, eu escrevo. Eu ainda escrevo. Mas ao longo dos anos descobri que a escrita é mais do que um refúgio. Ela é também a minha memória. A única possibilidade



Esta revista adota o modelo de Acesso Aberto e seu conteúdo está licenciado sob a licença CC BY-NC 4.0

ARK:16081/CRL3746-ARPC

Recebido

15 de dezembro de 2025

Aprovado

21 de dezembro de 2025

Edição

Lury Morais

Revisão

Lury Morais

de resgate de quem eu fui um dia. Talvez, a escrita tenha sido a minha maior descoberta. Ela é a minha forma de subversão. É o grito do meu silêncio.

Nesta altura da vida, escrever me parece algo mais digno do que nunca. Afinal quem irá ouvir as minhas histórias? Não sei se algum dia alguém irá ler o que escrevo agora, tampouco espero que estas histórias ganhem o mundo. Mas há algo no meu desejo de escrevê-las que desafia a lógica desta realidade. É como se escrever fosse um caminho sem volta. Uma designação sem a possibilidade de recusa. Há anos eu tento escrever sobre a impossibilidade de amar. O que fazer quando o amor não nasce entre duas criaturas? O que fazer quando uma mãe não consegue amar os seus filhos? Sempre me perguntei se todas as mães amam verdadeiramente os seus filhos. Eu já conheci filhos que não amavam as suas mães, mas será que existe uma mãe que não ama os seus filhos?

A você que me lê, peço que compreenda, eu preciso escrever sobre uma mulher que não teve escolhas. É possível que esta seja só mais uma das minhas incontáveis mentiras. Mas, talvez, também este possa ser o meu maior ato de coragem: buscar a linguagem de uma vida impronunciável. Narrar a vida de uma mulher que não conseguiu amar, nem ser amada. O casamento, os dois filhos e uma casa que pudesse chamar de sua pareciam o único caminho possível. Alguém precisa registrar a sua passagem neste mundo, e talvez, agora eu seja a sua única testemunha. Mas antes de contar a história dela eu preciso pedir desculpas ao tempo. Sim, ao tempo que deixei de escrever sobre ela. Já é dezembro e eu não sei quanto tempo ainda me resta. Passei toda minha vida buscando a linguagem adequada para escrever sobre ela. Gostaria de ouvir a sua voz. Esperei que ela me contasse a sua história, ou quem sabe, alguma mentira que ela contou a vida inteira para si mesma. É possível que, assim como eu, ela não tenha encontrado sua linguagem. A impossibilidade de nomear as sensações. A voz do silêncio ou uma voz que foi silenciada? Eu preciso buscá-la neste fio de memória. Reencontrá-la e ouvir sua voz novamente, mas desta vez mais atenta do que em outro tempo.

Ela foi feliz? Não sei. Creio que nem mesmo ela sabia. Ou acreditava que sim, mas sentia que não. Um marido, dois filhos e uma casa num lugar tranquilo. Apaixonou-se profundamente pela ideia de amar e ser amada. O amor não aconteceu pelo marido que escolheu, nem mesmo pelos filhos que gerou. Ela ansiava por algo a mais, que nem mesmo reconhecia. Ainda assim, ela contava a mesma história para si mesma e para os outros todos os dias: *Eu sou feliz ao lado do meu marido e dos meus filhos. É claro que sou!* — afirmava soberba toda vez que visitava a casa dos seus pais.

Na impossibilidade de nomear o que sentia, ela escolheu a versão de uma história feliz. Acreditou nela durante quase quatro décadas, pois parecia muito bonita e aceitável para um mundo que não esperava menos de uma mulher. Assim, ela cabia naqueles lugares, onde com algum esforço tentava se encaixar. Quem ousaria julgar uma esposa dedicada ao marido e aos filhos? Aquela parecia a vida perfeita, mesmo que ela não sentisse o seu coração vibrar com as investidas do marido. O cheiro forte do cigarro, que ele nunca quis deixar de fumar, misturado à fragrância do sabonete barato lhe embrulhava o estômago toda vez que o esposo lambia o seu rosto antes de deitar. Apertava os seus seios como se estivesse sovando duas massas de pão. Não havia carícias, apenas a pressa de um homem que desejava saciar a fome no corpo de uma mulher. Durante anos o desejo foi confundido com o amor, e quando ele já estava satisfeito a empurrava para o lado virando de costas. Ela detestava gastar tempo com os filhos. Quando eles deitavam a cabeça nas suas pernas aguardando o amor que viria nas pontas dos dedos, transmitido em forma de um delicioso cafuné, ela levantava bruscamente resmungando e se afastava para longe. Ainda assim, haveria outra vida? É claro que não. Pensava para si, já que esse era um pensamento que jamais ousaria dividir. Plantar no outro a possibilidade de pensar na infelicidade? Nunca. Isso seria admitir que ela mentia e

mentiras ela não tolerava.

Mas o tempo é implacável. O tempo é o senhor. O verdadeiro narrador de todas as histórias. É ele quem decide o enredo, muda a trama, revela segredos e reescreve personagens mal construídos. Ninguém sobrevive a uma vida inteira de silêncios. Nenhuma mulher atravessa o tempo sem paixão. Nem toda mulher que tem um útero deseja fazer dele um abrigo. A casa que seu marido apaixonadamente construía era também seu desejo criativo mais bonito. A casa estava pronta. Os filhos crescidos seguiram suas vidas e mudaram para outras cidades. Nada restou. Não havia amor entre eles. Nunca houve. Ela constatou perdida no abismo. O corpo sentiu. O que a voz calou o útero revelou: *É um câncer de nível três, talvez não haja mais tempo. Sinto muito!* — a médica comunicou com semblante comovido.

Naquele instante passou um filme diante dos seus olhos. — *Então é assim que acaba?* — refletiu consigo. Os olhos parados na mesma frase. Esperou encontrar algo a mais no marido e nos filhos por quase toda a sua vida. Talvez esperasse pelo amor. Desejou amar. Aguardou com resignação o momento em que o sentimento finalmente nasceria, mas ele não aconteceu. O que restou foi o gosto amargo de uma vida não vivida. Os sonhos não realizados. Quem contaria a sua história, se nem mesmo ela a compreendia? Quem testemunharia o seu fim? Quando revelou o diagnóstico ao marido, o homem que já era um completo desconhecido. Aquele a quem ela com enorme esforço tentou amar ele apenas respondeu: *Vou embora!*

Ela dormiu desejando ardentemente que tudo não tivesse passado de um terrível pesadelo, mas quando acordou no dia seguinte nem sinal dele. A casa estava vazia. A solidão. O abandono. Em cima da mesa da cozinha apenas um bilhete: *A casa será sempre sua!*

Só restava agora ela e a casa. Ela era uma parte da casa e a casa uma parte dela. Ambas esquecidas. Abandonadas. O tempo não perdoou. Haveria ainda vida para uma mulher que abandonou os próprios desejos e sonhos? Sim, quando acordou o tempo ainda estava lá. Ah, mas esta é uma história inacabada, que ainda insiste em me assombrar toda vez que sento para escrever. Sinto, até este momento, que não encontrei a sua linguagem. Já é tarde, e o meu corpo começa a reclamar da mesma posição. Agora, dormirei o sono dos justos, o único remédio para uma mulher esquecida e imaginativa.

Liz de Oliveira

Doutoranda em Literatura
pela Universidade Federal de
Santa Catarina (UFSC).

Lattes:
<http://lattes.cnpq.br/8817416197634221>.